

# DO LIVRO IMPRESSO AO DIGITAL :AS PRÁTICAS COTIDIANAS DE LEITURA DE PROFESSORES NA CIDADE DE TERESINA-PI.

Marta Rochelly Ribeiro Gondinho  
Universidade Federal do Piauí

## RESUMO

O presente artigo inscrito no vasto campo da Educação tem como objetivo analisar os itinerários da formação leitora de professores da rede pública municipal de Teresina-PI, especificamente da Escola Municipal Professor Valdemar Sandes. Para tanto, utilizaremos a metodologia da história oral. Na medida em que formos situando teoricamente às elucidações conceituais apresentaremos os fragmentos destas narrativas e a posteriori uma análise dos ditos dos informantes. No primeiro momento focalizaremos a história da leitura e a construção da legitimidade desta como uma prática cultural simbólica e no segundo momento dialogaremos com fragmentos de narrativas dos professores supracitados a fim de bisbilhotar as artimanhas inventadas no cotidiano no tocante a prática da leitura desde a leitura de livros impressos à leitura de livros digitais .

Palavras-chave: Formação . Leituras . Leitores.

## INTRODUÇÃO

*Um livro? Para mim, é tão estranho tenho até medo de dizer que não os estimo, poderia ser muito mal visto, mas eu não fui criado para apreciá-lo, ou pode ser até algo que vai além da minha criação, uma coisa pessoal mesmo... quem inventou essa história de que todo mundo tem que endear a leitura e os livros... aqueles mais grossos até me assustam, agora ler no computador, isso me parece ser outra história.<sup>1</sup>*

Pensar sobre a problemática da leitura na atualidade é um exercício, um desafio que insita um farejar pela história, o estudo que aqui propomos fazer está organizado sob a égide de dois grandes marcos teóricos. Inicialmente dialogaremos com os pressupostos advindos do campo da História Cultural e os elementos conceituais da abordagem sociológica, especificamente as colaborações de Roger Chartier e Pierre Bourdieu. Uma vez referendado teoricamente dialogaremos com Ecléa Bossi e Janaina Amado no tratamento das fontes em

---

<sup>1</sup> Trecho de uma das narrativas, que me inspirou na construção do título deste artigo.

história oral e com estudiosos do campo da leitura para analisar o processo formativo e as práticas cotidianas de leitura de professores.

A leitura é atualmente muito discutida nos bastidores escolares, há quem a aponte como o indicativo do fracasso escolar, ou como uma prática cultural necessária pra o desenvolvimento da autonomia, ou como elemento imprescindível de uma aprendizagem voltada para o exercício da cidadania e até quem diga que não vê saída, pois a culpa pela ausência da leitura é anterior à escola. Tais inquietações nos instigaram a pesquisar e a buscar uma leitura que fosse na contra-mão dessas angústias, que procurasse compreender os itinerários da leitura sob a ótica da experiência com a leitura desde a tradição da leitura do livro impresso à leitura do livro digital. Ao convidar os professores a pensarem juntos sobre suas histórias de leitura pretendeu-se especular através dos ditos os sentidos atribuídos, as dificuldades, as lembranças e as artimanhas da leitura no cotidiano.

No Brasil a questão da formação de leitores se constitui como uma dívida histórica presente nos discursos oficiais republicanos e nas propostas de políticas públicas como uma prática necessária ao exercício da democracia, esta questão parece denunciar, ao mesmo tempo, tanto uma realidade não-leitora, como evidencia uma suposta preocupação política com a formação leitora.

Considerando os mecanismos de reprodução da desigualdade social denunciado por Bourdieu e Passeron na década de 1970, entenderemos contextualmente o advento de uma sociedade grafocêntrica, pautada na experiência com as letras, típica da civilização ocidental, como um advento excludente desde sua gênese e ainda neste contexto ampliaremos a análise para o também contexto excludente do acesso à tecnologia entendendo o computador como um atual suporte da escrita e assim o sendo um canal potencializador de múltiplas leituras.

## 1.0 A HISTÓRIA DA LEITURA E SUA LEGITIMAÇÃO COMO PRÁTICA CULTURAL SIMBÓLICA

A História da leitura permite pensar a sua ação nas continuidades e mudanças do tempo. Os modos de conhecer a leitura promovem uma consciência crítica para que a partir dos problemas do presente possamos conhecer, com pontos de vista ancorados num estudo rigoroso, o passado.

Em uma sociedade marcada pela cultura letrada, estamos sem dúvidas a mercê de um grande legado, a leitura no presente precisa ser vista pelo passado, passado este tecido todos os dias como um elemento da memória onde, por conta dele, compreendemos o que fomos e

como somos. Os indivíduos são produtores de História assim a história da leitura é produzida pelos leitores é também produzida pelos que tem acesso a ela, pelos que a reconhecem e não tem acesso a ela e pelos que mesmo tendo acesso a recusam.

Ao retratar a história da leitura no mundo ocidental, Roger Chartier e G.Cavallo descrevem um itinerário histórico que nos permitem transitar no tempo. De acordo com os pesquisadores:

Na Antigüidade grega a escrita é colocada a serviço da cultura oral e da conservação do texto, onde a leitura era feita por poucos alfabetizados. A partir da época helenística, a literatura passa a depender da escrita e do livro, cujo formato padrão era o *volumen* ou rolo, dando início a uma nova organização na produção literária. Surgem as grandes bibliotecas helenísticas que representavam muito mais sinais de grandeza e de poder, do que propriamente a difusão da leitura. Roma herda do mundo grego a estrutura do *volumen* e as práticas de leitura (CAVALLO& CHARTIER,1997,P.73).

Como vemos a leitura, por esta época, era um hábito exclusivo das classes privilegiadas, dando origem às bibliotecas particulares, símbolos de uma sociedade culta. O códex, um livro com páginas, substitui o rolo a partir do século II d.C, e essa transformação do livro traz em si, novas práticas leitoras. Sob esta ótica percebemos elementos da difusão da leitura e de já evidenciamos as formas desiguais de acesso como já preconizamos de início neste artigo.

Segundo os pesquisadores citados, durante a Idade Média

a prática da leitura concentrou-se no interior das igrejas, das celas, dos refeitórios, dos claustros e das escolas religiosas, geralmente restritas às Sagradas Escrituras. Com o códex, na Alta Idade Média surge a maneira silenciosa de ler, sobretudo textos religiosos que exigiam uma leitura meditativa. Entre os séculos XI e XIV, quando renascem as cidades e com elas as escolas, desenvolvendo a alfabetização, surge uma nova era da história da literatura, pois o livro passa a representar um instrumento de trabalho intelectual, de onde chega o saber. Ao mesmo tempo inovam-se os modelos de biblioteca, cujo espaço organizado e silencioso é destinado à leitura. É nessa época que aparece o livro em língua vulgar, escrito às vezes pelo próprio leitor, e que circula entre a burguesia, paralelo a um modelo de leitura da corte, da aristocracia culta européia. (CAVALLO& CHARTIER,1997,P.91).

Já na modernidade com as inúmeras transformações que afetaram os cenários políticos, sociais, culturais e econômicos a prática da leitura se aproximou do ato de ler e escrever, tendo em vista que a pratica da leitura vinculou-se

às evoluções históricas, à alfabetização, à religião e ao processo de industrialização. A técnica da reprodução de textos, e produção de livros, são

inovados por Gutemberg; o que permite que cada leitor tenha acesso a um número maior de livros. Além disso, a grande revolução da leitura acontece pelo modelo escolástico da escrita, onde o livro se transforma num instrumento de trabalho intelectual. A leitura silenciosa se estabelece através da relação íntima, secreta e mais livre do leitor com o livro, tornando mais ágil a leitura. Surge, o "leitor extensivo"; que consome numerosos impressos, diferentes e efêmeros, lendo com rapidez e sob um olhar crítico. A difusão do livro se dá mais rapidamente, nascendo o romance com a capacidade de envolver o leitor, geralmente a leitora; que nele se identifica e decifra sua própria vida. A leitura começa a se popularizar com leituras de cordel, textos clandestinos, os textos de venda ambulante fomentam o crescimento da produção de livros e a proliferação de livrarias, que são responsáveis por uma mudança de mentalidade na Europa. (CAVALLO& CHARTIER,1997, p.102)

Com a popularização da leitura ou a massificação do ato de ler observamos que teremos aí uma multiplicidade de olhares sobre esta realidade que construiu uma distinção, por exemplo, entre a realidade em alguns países da Europa (França, Portugal, Espanha) e a realidade da America Latina no tocante as políticas de acesso e promoção da leitura.

Na civilização ocidental a construção da legitimidade da leitura foi processualmente se definindo e virando critério de distinção social, de seleção, de conservação social e de autoridade da linguagem como abordou Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron em A Reprodução (1970). A leitura tem nesta perspectiva sociológica uma função social que engendrada neste universo não escapará das relações que sustentam a desigualdade social.

Tomando como referência o fragmento de narrativa com o qual iniciamos o texto, observamos que essa legitimidade da leitura forjada ao longo da história não é aceita sem contestações, por isso, optamos pelo diálogo entre a história cultural e a sociologia como motivação para a investigação, na busca de encontrar um elo histórico-cultural para esta prática que assume também uma função social.

Teceremos agora algumas elucidações sobre a leitura no Brasil, país de uma grande dimensão geográfica com raízes em uma sociedade escravocrata e excludente onde a questão da leitura é, sobretudo, política. As políticas públicas de educação no Brasil acerca da leitura estão alicerçadas num território de desigualdade que vai desde o mercado de material impresso até as políticas de incentivo a leitura.

## 1.1 LEITURA NO BRASIL: ENTRE HISTÓRIAS E CONCEPÇÕES DE LEITURA

No Brasil a sistematização do espaço escolar com bases axiológicas de conhecimento, caráter ideológico, ordenamento de valores, esteve intrinsecamente relacionada às atribuições de ensinar, e especificamente ensinar a ler.

A partir do século XVII, a escola recebe oficialmente a atribuição da tarefa de ensinar a ler (ZILBERMAN & LAJOLO, 1995), responsabilidade que hoje ultrapassa os quatrocentos anos. Nesse período, muitas mudanças ocorreram na educação de um modo geral, com vistas à melhoria do ensino. No tocante à leitura as mudanças aconteceram em vários níveis: conceitual, social, político e cultural.

A diversidade conceitual, sendo elemento processual permite a compreensão que enquanto prática, a leitura vincula-se desde sua gênese à difusão da escrita, confundida inicialmente, com a alfabetização. Segundo Mantêncio (1994), a associação da leitura ao processo de alfabetização, de decodificação do código escrito perpassa algumas décadas, no Brasil. Isso implica perceber a leitura como uma atividade pragmática, mecânica, de repetição (através da interpretação, da redação, da memorização), e julgá-las, ingenuamente, suficientes para aprendizagem e desenvolvimento do hábito de leitura. Esse fato é muito presente na realidade educacional brasileira, pois, em muitos momentos do processo de aquisição da leitura, o professor alfabetizador prende-se à mera reprodução de vocábulos e frases soltas, desconexas do contexto lingüístico-contextual. Não intencionamos aqui analisar o processo de aquisição da leitura, ou a alfabetização propriamente dita, apenas direcionamos nossas reflexões, considerando esses aspectos pertinentes para a compreensão da futura formação do leitor no Brasil.

Com base nesse pressuposto, a competência do leitor é colocada como possibilidade, relegada a segundo, terceiro plano, postergada para o futuro constituindo uma tarefa para ser desenvolvida nos anos seguintes da escolaridade, que tem acarretado outro problema, que, segundo Ângela Kleiman (1995), vencido o primeiro e desapontado o contato com a linguagem escrita, se instaura o fracasso nessa relação com o livro, fruto das práticas do professor que, após a alfabetização, reforça aspectos negativos sobre o livro e a leitura, de modo que logo o aluno passa a ser mais um não-leitor em formação. (1996, p. 16).

Assim, a leitura tem significado o exercício da decodificação e codificação mecânica, visto que nem toda pessoa alfabetizada é leitora, tampouco o "ser alfabetizado" garante a formação do hábito de leitura. Confirma Magda Soares: ao povo permite-se que aprenda a ler, não se lhe permite que se torne leitor (1995, p.25).

Corroborando esta idéia Foucambert, (1994) destaca que entre a "leitura" do alfabetizado e a leitura do leitor, existe uma diferença na natureza do comportamento

desenvolvido, ou seja, ao primeiro faculta-se a mera decifração do código, como se o ato de ler estivesse restrito ao significado linear/ literal da palavra escrita; ao segundo, entretanto, faculta-se a compreensão do lido, no sentido amplo da palavra, o que se lê tem a ver com o como se vê: ouve-se o que se diz, vê-se o que se lê: sinal de distinção entre letrados e alfabetizados (op. cit. p. 12).

Em contraposição a este tipo de pensamento, Paulo Freire afirma que o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo (1995, p. 11). Neste sentido, o autor fornece um panorama mais amplo, na medida em que abre espaço para novas possibilidades de leitura de um mesmo texto, onde estariam tecidos diversos significados: incorporados ao longo da trajetória do leitor. Nessa perspectiva, adquirem realce a experiência prévia, a visão de mundo, elementos imprescindíveis à construção dos significados acerca do lido. Para o autor, a leitura consiste num ato consciente que não se esgota em si mesmo para resultar numa atividade que busca a compreensão do ser e estar no mundo.

Dessa forma, percebe-se um verdadeiro processo de revolução diante das informações novas a que o leitor se submete, e após esse confronto inicial, são acomodadas, reorganizadas, fundindo-se com a bagagem anterior própria do leitor, constituindo um processo constante de acumulação das informações e um crescente aumento do repertório de leitura. Nesse jogo subjazem à leitura aspectos não apenas psicológicos, mas também filosóficos e históricos.

Ao descrever a influência dos aspectos históricos, Maria Helena Martins (1994, p. 30) comenta: O ato de ler, se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre leitor e o que é lido.

O autor argentino Alberto Manguel em sua obra "Uma História da Leitura", afirma que a relação do texto, ou a associação de livros com seus leitores é diferente de qualquer outra entre objetos e seus usuários. Ferramentas, móveis, roupas, tudo tem uma função simbólica, mas os livros infligem a seus leitores um simbolismo muito mais complexo (1997; p. 30), isso devido ao caráter individual/coletivo que o livro possa representar, ou seja, o simbolismo advém da troca de experiências, dos acontecimentos partilhados, da riqueza da linguagem, enfim, dos laços de afetividade.

Assim percebida, a leitura se reveste de um poder considerável e assume uma importância premente no processo educativo devendo ser meta prioritária e fecunda na formação de leitores. Tal idéia nos remete a ampliar o sentido da leitura às múltiplas

possibilidades midiáticas e tecnológicas uma vez que a expansão dos recursos tecnológicos redimensionou as práticas de leitura.

Ler supõe um olhar de reconhecimento, mas não só sobre letras e sons. É prestar atenção para entender, captar, desvelar; é ouvir e silenciar-se, quando no interior ficam guardados os sentidos recolhidos (RESENDE, 1997, p. 15). Nesse aspecto, são ultrapassados todos os limites da possível compreensão, indo além das palavras e mergulhando-se no mais profundo poço da imaginação, recolhendo os sentidos e os significados.

Uma vez contextualizada historicamente a leitura, evidenciaremos que as práticas culturais da leitura estão inscritas e datadas no tempo, revelando que a leitura é uma construção social imersa numa relação de sentido de ação cotidiana e das “artes do fazer” de cada agente social, circunscrita tanto num cenário coletivo como individual.

## 2.O NARRATIVAS DE PROFESSORES: ARTIMANHAS DE LEITURA INVENTADAS NO COTIDIANO

Fazendo uma alusão a clássica indagação de Certeau :O que é que fabrica o historiador da educação? Nos apropriamos da idéia e indagamos: o que é que fabrica um leitor? Como se forma um leitor? Qual o itinerário, ou itinerários, que deve trilhar um individuo para constituir-se em leitor? Se a leitura é uma prática cultural, como então compreender a formação leitora de um educador?Qual o lugar das novas tecnologias na formação do leitor?

A questão da formação leitora de professores tem despertado muitos debates no campo escolar brasileiro, esta formação intrinsecamente atrelada à historicidade da leitura, conforme expomos na primeira parte deste artigo, ressalta que por se tratar a leitura de uma prática cultural ela é capaz de se transformar através da experiência das idéias que circulam e adquirem legitimidade, principalmente pelos meios impressos, recriando a própria realidade que a produziu ou a que é produtora.

Para percebermos as práticas de leitura de professores, escolhemos um lócus e uma estratégia metodológica que acreditamos dar conta dos nossos objetivos que se centram na análise das práticas de leitura de professores. A escola escolhida, deu-se por um critério alusivo ao *habitus* leitor, o nome da escola foi dado em homenagem a um jornalista piauiense apaixonado pela leitura cuja sua biblioteca pessoal foi doada para acervos públicos. Como sujeitos desta pesquisa temos 04 professores de língua portuguesa da referida escola que aceitaram o convite para um diálogo sobre sua formação leitora e seus contatos atuais com a leitura.

Utilizamos como metodologia os aportes da história oral. Aquilo que se é, leva-se uma vida inteira para construir. O registro do testemunho oral, permite-nos um olhar sobre a história recriada por intermédio da reminiscência dos informantes, é uma sistematização que permite lançar luz sobre o tempo e sobre essa pluralidade de elementos que se entrelaçam durante uma vida inteira, vida esta que apreende a realidade e se dá pela representação que fazemos dela, onde a reflexão sobre a realidade é medida por valores, conceitos e aspirações que integram o acervo de nossa memória singularmente constituída no processo coletivo de nossa história.

Neste sentido a fala do indivíduo é um lugar privilegiado que permite o debruçar sobre percepções, experiências, considerando o caráter representativo de uma época, zelando pela experiência individual e lançando brechas para um viés objetivo na magnitude subjetiva.

Os professores na intenção de ficarem mais a vontade para tecer seus comentários, quando indagados sobre a utilização de seus nomes ou de nomes fantasias, optaram por nomes fantasias e, juntamente com eles, escolhemos nomes de literatos piauienses, ficando assim definido: professora (A) TORQUATO NETO; professora (B) ASSIS BRASIL; professora (C) H DOBAL e professor (D) O.G.RÊGO.

Para início de conversa agrupamos os trechos das falas relativos à idéia de leitura que estes sujeitos têm hoje a fim de que possamos partir do momento presente em direção ao passado:

Eu vejo a leitura como algo essencial na sociedade hoje, acredito que a leitura transforma a vida das pessoas possibilita tomadas de decisão muito mais coerentes, é até difícil pensar no quanto deve ser difícil enfrentar uma cultura letrada sem a leitura (Torquato Neto).

Minha idéia de leitura hoje é como algo que é imprescindível. Tudo depende da leitura até exercer cidadania, se você for enganado num momento de compra até pra manusear o código do consumidor, você tem que saber ler, e sem falar que é a leitura que te permite ter um olhar crítico sobre a realidade (Assis Brasil).

Eu vejo a leitura num sentido mais poético, que não deixa de ser político também, é através da leitura que conhecemos o mundo, não só a sociedade, mas um universo de palavras, de sentidos, é o conhecimento mesmo, penso que conhecer passa pela lente da leitura (H. Dobal).

Eu fico até com medo do que a professora Rochelly pode pensar... [pausa, risos] mas tudo bem que a leitura pode trazer muito conhecimento na vida de um homem, mas eu penso também que ninguém pensa hoje nos que não lêem e que antigamente muitos não liam e nem por isso foram pessoas mais ou menos felizes ou deixou de existir mais ou menos catástrofes, eu sei que a leitura é importante mas não é tudo, como essa nossa sociedade de hoje prega (O. G. Rêgo)



Expor todos os posicionamentos foi uma estratégia metodológica para que possamos ter uma visão sobre a pluralidade das concepções em torno da leitura, estes sujeitos são oriundos de uma realidade periférica, tiveram condições de escolarização semelhantes, trabalham no mesmo espaço escolar, mas tem experiências únicas, suas, que subjetivamente foram construídas sob uma objetividade, entretanto é essa experiência particular com a cultura letrada que norteia suas construções de sentido.

Na fala do professor D desloca a leitura para um local secundário, ele não a desmerece como processo de construção do conhecimento, mas questiona, através de uma comparação com o passado, a validade do discurso criado em torno da leitura como única forma de se atingir o conhecimento.

Já nas falas dos professores A, B e C observa-se a associação da leitura com a política, quando se faz alusão ao discurso de formação do cidadão, a relação com o conhecimento a fim de uma análise crítica da realidade as próprias estratégias da cultura letrada no tocante a participação dos indivíduos.

No tocante ao ato de ler recorreremos a Ezequiel Teodoro da Silva, no seu livro *Elementos de uma Pedagogia da Leitura* (1998) que aponta que:

a leitura caracteriza-se como um dos processos que possibilita a participação do homem na vida em sociedade em termos de possibilitar a transformação sociocultural futura. E, por ser um instrumento de aquisição, transformação e produção de conhecimento, a leitura, se acionada de forma crítica e reflexiva dentro ou fora da escola, levanta-se como um trabalho de combate a alienação, capaz de facilitar as pessoas e aos grupos sociais a realização da liberdade nas diferentes dimensões da vida. (SILVA,1998,P.24)

Sobre a formação leitora e a memória das experiências de leitura os professores entrevistados afirmaram:

eu tive contato com a escola com 7 anos de idade devido a falta de instrução dos meus pais eu não tive contato com a leitura e com livros antes disso, meu primeiro acesso a livros foram mesmo os didáticos, na escola que eu estudei não tinha biblioteca, livros de literatura eu só vim conhecer por volta da sétima série, depois meu contato ampliou um pouco. Só quando eu fiz universidade foi que eu comprei meu primeiro livro sei até qual foi História da Educação da Maria Lúcia Arruda que a professora disse que era inadmissível você fazer pedagogia sem pensar em livros e leitura... confesso que nesta hora a ficha caiu. (Torquato Neto)

Minhas lembranças de leitura são inúmeras minha mãe era professora e minhas tias todas também e todas nós morávamos na mesma casa. Eu adorava ler aprendi bem antes da escola minhas tias levavam as tarefinhas mimeografadas que sobravam da escola e me ensinavam em casa. Com seis anos eu já sabia ler, tanto foi que elas me matricularam antes de 7 anos na primeira serie. Tinha um camelô que vendia aquelas coleções infantis e lá em casa não faltava. Minha relação com a leitura é algo que foi construído com entusiasmo... eu gosto de ler. (Assis Brasil)

Eu sou de uma geração que começou a ir pra escola com aproximadamente 2 aninhos de idade, sabe geração de pais no mercado de trabalho. Mas meus pais são professores de português, eles se formaram em letras, ai já sabe desde muito cedo tive contato com a leitura, com a poesia... minha mãe lia pra mim, meu pai comprava livrinhos até de pano. Eles eram leitores assinavam revistas. É engraçado hoje na universidade eles dizem com se fosse algo novo não recortar o jornal ou revista pois eles são suporte de escrita, meu pai sempre disse isso pra olhar e saber manusear as de cortar eram outras. Em nossa casa até cantinho do livro tem. (H. Dobal)

Eu tive uma infância marcada pelo trabalho, eu morava com meus avós pois eu era filho do primeiro casamento da minha mãe que ficou viúva bem cedo. Meu contato com a leitura foi aos 10 anos quando eu fui fazer a primeira série, eu tava atrasado, mas meus avós não tiveram culpa eles não tiveram acesso a escolarização, mas eram pessoas nobres e trabalhadores e de uma sabedoria incrível, eu repeti algumas series e dei um trabalho pra aprender a ler, e sem falar da vergonha pois eu era o maior da sala e o mais velho, mas eu superei isso e depois comecei a me esforçar, a ler até passar no concurso da prefeitura ainda só com o pedagógico depois foi que fiz universidade. Eu reconheço a importância da leitura, mas sei que ler é apenas um dos atributos da formação de pessoas, não é tudo. (O. G. Rêgo)

Quando recolhemos estes fragmentos de narrativas tivemos como objetivo observar a formação leitora com base nas categorias que Pierre Bourdieu congregou empiricamente em seus estudos. A categoria *habitus* e capital cultural.

É sobre o capital cultural que teceremos, a partir de agora, elucidacões conceituais. Na reflexão sobre este conceito faz-se necessário a priori compreender que cada campo social, enquanto *locus* onde se manifestam relações de poder, se estrutura a partir da distribuição de um *quantum* social denominado por Bourdieu de capital social. A distribuição desigual das espécies de capital requerido pelo campo vai determinar tanto a posição que o agente social vai ocupar no campo, quanto às relações materiais e simbólicas travadas em seu interior. Os campos sociais possuindo formas distintas de capital, mantêm entre si uma relação constante já que a posse de um tipo de capital constitui a condição para a obtenção de outro. Tal discurso foi observado nas falas de todos os sujeitos entrevistados.

No campo da produção cultural o capital cultural é um valor produto da ação pedagógica familiar e se refere à competência cultural e lingüística socialmente herdada, e que, obviamente, não é distribuído equitativamente. Como observamos na fala do professor D. Uma das definições possíveis se refere ao capital cultural como a proficiência no uso, e familiaridade com a prática de códigos culturais dominantes, tais como estilos lingüísticos, preferências estéticas e códigos de interação social, o que pode ser observados nos relatos das professoras B e C.

No que diz respeito à noção de capital cultural, nunca é demais lembrar que sua formulação na obra de Bourdieu está estritamente ligada a uma problematização da dominação. Segundo este autor:

O capital cultural pode existir sobre três formas: no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma a de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar a parte porque, como se observa com relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais (BOURDIEU, 1998, p. 74).

No estado de capital cultural incorporado, Bourdieu afirma que a assimilação, enraizamento, incorporação e durabilidade do capital cultural em um determinado sistema demandam tempo e somente podem ocorrer de forma pessoal, não podendo ser externado, pois perderia a característica própria de capital cultural da instituição. No tocante aos sujeitos analisados é possível afirmar que todos eles assimilaram este tipo de capital.

Já no estado objetivado o capital cultural aparece na aquisição de bens culturais através do capital econômico sendo indispensável a posse do capital cultural incorporado, por possuir os mecanismos de apropriação e os símbolos necessários a identificação do mesmo. Como observamos no depoimento da professora A, quando ela adquire o livro na universidade; da professora B, quando esta adquire via camelô a coleção de livros; e na professora C, cuja casa possuía espaço privilegiado e específico para o material impresso adquirido.

Por fim, o capital institucionalizado onde Bourdieu discorre que a concretização do mesmo ocorre na propriedade cultural dos diplomas e sua aquisição. Todos os sujeitos desta pesquisa possuem trajetórias de escolarização que culminaram com a conclusão do ensino superior.

Fazendo um paralelo com a fala dos sujeitos e a elucidação conceitual de Bourdieu, temos a leitura como uma prática social e cultural, onde a origem social, a herança cultural (papel do ambiente familiar), as trajetórias de escolarização, o acesso aos bens culturais, acesso dos suportes da escrita e o acesso a bibliotecas deixam suas marcas objetivas na subjetividade do leitor. A formação leitora é, portanto, fruto de uma trajetória singular de vida com as marcas de uma pluralidade social.

No trabalho com as narrativas como um instrumento para se estudar a história, Ecléa Bosi (2004, p. 16), afirma que feliz é o pesquisador que pode se amparar em testemunhos

vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época. Ouvir os professores sobre suas experiências com a leitura é convidá-los para que a partir das histórias de si, estes possam compreender os itinerários da leitura como um processo cultural. Neste sentido, passemos as definições que estes sujeitos deram ao ato de ler:

Ler significa ter oportunidade de ver as coisas por novos olhos (Torquato Neto)

Ler significa ampliar nossa visão de mundo e nossa comunicação desde contatos do cotidiano até a tecnologia (Assis Brasil)

Ler significa pra mim um universo de possibilidades, um conforto pra o espírito, uma nova informação, algo que expressa emoção, sentimento. Ler é um processo mágico. (H. Dobal)

Ler é um exercício intelectual e plural, ler o mundo, não só palavras, ler sem obrigação mas por prazer da descoberta. Ler e adquirir mais uma forma de dialogar com o mundo. (O.G.Rêgo)

Mais uma vez, a partir da análise destes relatos, percebemos que as falas das professoras A, B e C tendem a convergir, formando uma idéia de que a leitura é imprescindível para a construção do conhecimento e do convívio social. Além disso, estas falas se aproximam de uma sinestesia, do tocar, do sentir, do ver da leitura. É como se esta última, nestes relatos, assumisse uma espécie de patamar de aprimoramento, é como se a leitura fosse uma sensibilidade que assumisse em si a capacidade de potencializar os outros sentidos, tornando-os mais susceptíveis à realidade em todos em seus espectros, na sua completude a ponto de ser adjetivada de mágica.

Entretanto, destoando deste consenso a definição apresentada pelo professor D ressalta, e questiona esta primazia enfocando ser a leitura mais uma das formas de diálogo com o mundo e não a única.

Em relação às experiências com a leitura digital e lugar que esta ocupa nas trajetórias formativas de professores registrou-se que:

Apesar do meu contato com a leitura digital ser recente tudo começou a partir da compra do meu computador próprio e da sugestão que a supervisora pedagógica da minha escola deu sobre os livros que você pode baixar do site do ministério da educação gratuitamente. (Torquato Neto)

Hoje você pode pesquisar até seus planos de aula em sites, buscar artigos em sites das universidades, salvar livros e ler no notebook. É uma nova experiência e posso dizer bem diferente também. Existe a possibilidade de ampliar as letras, marcar trechos e depois desmarcar. É uma rica possibilidade. (Assis Brasil)

Eu tenho algumas limitações quanto à leitura digital mas sempre que oportuno eu faço leituras e uso sem resistência, minha maior dificuldade é o acesso a internet que ainda não é acessível para minha família, mas no trabalho já tenho, embora o tempo não seja o mais adequado. (H. Dobal)

Sou bastante prático só leio rápidas notícias para me manter informado. (O.G.Rêgo)

Nos trechos acima evidenciamos o lugar das novas tecnologias nas apropriações das práticas de leitura dos sujeitos A,B,C e D.

Assim, as histórias que contamos compõem nossa história de vida, possibilitam adentrar a um mundo particular e essa singularidade é valiosa. É uma ponte particular capaz de transmitir uma experiência coletiva. Em outras palavras: Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito (BOSI, 1996).

Este artigo não tem a pretensão de esgotar esta discussão, mas de suscitar novas inquietações ressaltando a importância de situar historicamente a leitura, a potencialidade de tecer elucidações sociológicas pela voz dos sujeitos, informantes orais de suas experiências. Nosso objetivo se multiplica sempre que percebemos a riqueza dos ditos.

Ouvir os professores em suas experiências cotidianas abre um leque de possibilidades. Ouvir os ditos é um ensaio que nos permite transitar cautelosamente num terreno movediço, por isso a subjetividade não pode ser isolada da objetividade, bem como a objetividade não é preponderante sobre a subjetividade.

Num sentido reflexivo as falas e as elucidações conceituais aqui apresentadas corroboram para a percepção da fertilidade do estudo da formação leitora e para a percepção da beleza do conhecer das artimanhas do ler.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, J.; FERREIRA, M. **Usos e Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

BARBOSA, J. Juvencio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1990.

BOSSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A Queiroz: Editora da USP, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

\_\_\_\_\_. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

\_\_\_\_\_. **A distinção**. São Paulo: Edusp, 2007.

\_\_\_\_\_. **Os três estados do capital cultural**. In: NOGUEIRA, Maria A.; CATANI, A. (orgs.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo – metodologia da pesquisa na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2004.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: vol. I, artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações – memória e sociedade**. Lisboa: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

\_\_\_\_\_.; CAVALLO, G. **História da leitura no mundo ocidental**. Paris: Éd. Du Seuil, 1997.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1995.

GERALDI, J. Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1994.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento**. São Paulo: Mercado das Letras, 1995.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas, máscaras e rodas**. 4ª ed. Tradução de Alfredo Veiga Neto – Belo Horizonte, Autêntica.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MARTINS, M. Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MATÊNCIO, M. L. Meireles. **Leitura, produção de textos e escola: reflexões sobre o processo de letramento**. Campinas SP: Mercado das Letras. Editora Autores Associados, 1994.

MOLLIER, Jean-Yves. **A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (coleção história e historiografia).

RESENDE, V. Maria. **Literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Saraiva, 1997.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SOARES, Magda B. **As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto**. In: *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1995.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, M. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1995.